

Banqueiro acha improvável a capitalização dos juros

CECILIA PLESE
Correspondente

São Paulo — A idéia de se capitalizar parcelas dos juros da dívida externa brasileira, transformando-as em capital de risco ou incorporando-as ao principal da dívida, não poderá ser atendida pelos credores internacionais na atual fase de renegociação do País. A declaração partiu do diretor-presidente do Banco de Tokyo S/A, Toshiro Kobayashi, em entrevista coletiva à imprensa ontem, nesta capital.

A sugestão, defendida pelos membros da Comissão para o Plano de Ação do Governo (Copag) do presidente eleito, Tancredo Neves, não consta do elenco de propostas apresentadas aos credores pela equipe econômica do presidente João Figueiredo e são essas as propostas que estão em discussão na rodada em pauta, explicou Kobayashi, embora reconheça que o presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore, e Tancredo Neves vêm mantendo entendimentos discretos sobre o assunto.

Depois de afirmar que Pastore está conduzindo bem e de forma coerente a tarefa de renegociar a dívida externa do País, Kobayashi atribuiu a suspensão dos entendimentos desenvolvidos em Nova Iorque, pelo período de uma semana, a problemas de caráter apenas técnico, decorrentes da necessidade de se proceder a um recálculo dos números em debate. Segundo o banqueiro japonês, os credores brasileiros voltarão a

se reunir com Pastore a partir do dia 28, oportunidade em que, de acordo com suas expectativas, as pequenas divergências existentes serão definitivamente superadas.

Mas a solução do impasse surgido no decorrer das negociações não parece tão simples assim, porque o próprio Kobayashi reconheceu que os banqueiros não abrirão mão, em hipótese alguma, de sua posição no sentido de que as taxas de risco **spreads** cobradas ao País, sejam fixadas no patamar de 1 por cento acima da libor, quando o Governo brasileiro reivindica níveis um pouco inferiores.

Kobayashi acrescentou que a proposta de capitalização parcial dos juros da dívida só poderá ser considerada pelos banqueiros internacionais, caso venha a ser sustentada no futuro por Tancredo Neves, se se referir ao montante da dívida a vencer a partir de 1991. Do contrário, assinalou, os padrões de negociação só poderão ser alterados em função de situações emergenciais, como uma elevação brutal dos juros nos Estados Unidos.

Durante a entrevista, o Banco de Tokyo anunciou também a compra da Distribuidora Repasse de Títulos e Valores Mobiliários, em uma operação avaliada em 500 milhões de cruzeiros. A distribuidora, que passará a ser chamada de Tokyo, pertence a uma família do interior de São Paulo, que não foi identificada. Embora seja pequena, facilitará as operações do banco no mercado financeiro — especialmente na área de CDBs — e, no futuro, será

empregada para ampliar o volume de negócios feitos pela instituição na área de compra e venda de ORTNs e LTNs. Noventa e nove por cento de seu capital pertencerão ao Banco de Tokyo, cabendo o 1 por cento restante ao seu presidente, na opinião de quem a aquisição da empresa favorecerá a recompra de papéis pelo banco, aumentará a liquidez de seus certificados de depósito (colocados normalmente a juros de 26 a 27 por cento, mais correção monetária) e contribuirá para o aprimoramento dos serviços oferecidos pela instituição à sua clientela.

Segundo a diretoria do Banco de Tokyo, em 84 a instituição negociou 60 bilhões de cruzeiros em CDBs, devendo esse volume ser aumentado em 85. A instituição tem planos de diversificar suas atividades no futuro, através da compra de novas empresas, uma das quais poderá operar na área de **leasing**. Atualmente, o Banco de Tokyo detém 5 agências no País, cuja rentabilidade apresentou, em 84, crescimento de 90 por cento em relação a 83. No primeiro semestre, seu lucro bruto foi de 4.905 milhões de cruzeiros e o líquido, de 2.430 milhões. Já no segundo, a rentabilidade bruta passou para o patamar de 16.062 milhões e a líquida para o de 8.491 milhões. O patrimônio líquido do banco cresceu 2,55 por cento em comparação a 83, o que levou sua diretoria a classificar o ano de 84 como satisfatório. De todas as suas linhas de financiamento, a mais procurada foi a de capital de giro.